

Diário

MUNDIAL

N.º 20 — 25 DE NOVEMBRO DE 1947

1
ESC.



O fotógrafo: — É para algum concurso de beleza?

Ela: — Não... E' apenas uma radiografia...

AMERICANICES À PORTUGUESA

Quando vejo na rua um sujeito a andar muito depressa e com uma das mãos nas costas, já sei o que lhe aconteceu!

Também já sabe!? Então o que foi? — «Uma dor!» Nada disso!

Vai a segurar uma pulga, para a matar depois em casa.

Uma maneira prática para se comer peras: colocar um desses frutos entre os dentes, fechar a mão direita — se não for canhoto — e ir dando «perinhas» debaixo dos queixos até o fruto estar todo comido.

Não sou servido, não senhor! Muito obrigado e bom proveito!...

Agora um dialogozinho apanhado à porta do campo do Benfica... ou do Sporting, para o caso tanto faz, eu que sou um faccioso...

— E' p'ra bola, é p'ra bola!

— Dê-me um camarote.

— Já não tenho.

— Então arranje-me cinco bancadas.

— Também já se acabaram.

— E peões?

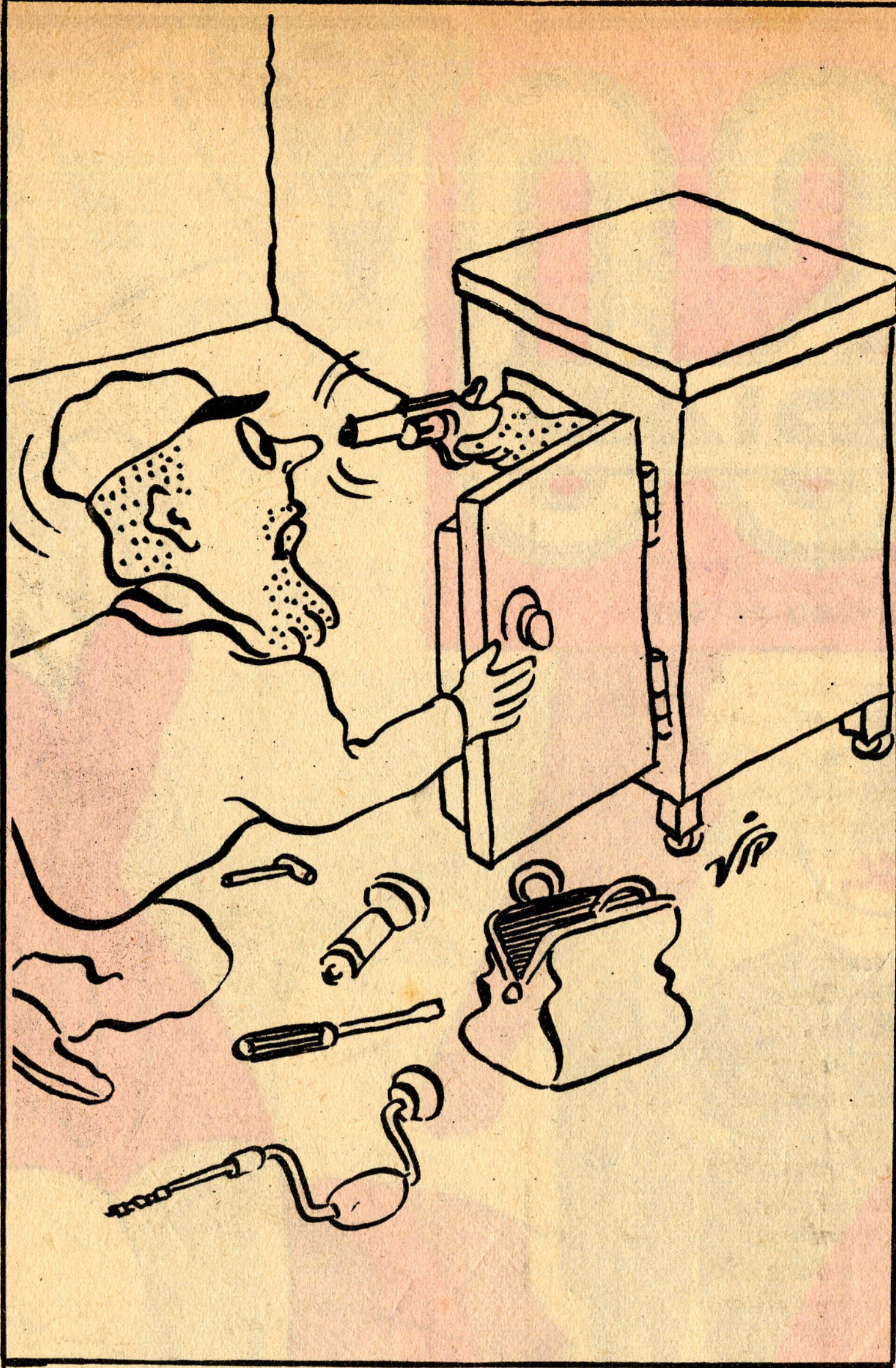
— Tenho muita pena meu caro senhor, mas...

— Também já os vendeu todos, não é assim?

— Exactamente.

— Então finalmente o que é que tem p'ra bola?

— Olhe, tenho uns frasquinhos de fitina que é uma autentica maravilha!



OS MANDAMENTOS DA MULHER CASADA

Um dos maiores clubes femininos do mundo, «The fullish women», com sede na rua da Picheleira, em Boston, acaba de editar uma colectânea de regras que todas as suas sócias casadas deverão observar, para melhor manutenção da sua futura felicidade. O clube, diga-se de passagem, declina todas as responsabilidades que possam surgir do cumprimento rigoroso das mesmas regras, e avisa todos os maridos das suas presadas sócias que, em casos de protestos, dispõe de uma legião de sogras para defender a sede convenientemente.

Os mandamentos são bem simples:

— Saia com seu marido apenas uma noite por semana. Nas restantes noites, deve deixá-lo ir para onde ele quiser, sozinho ou acompanhado com outras mulheres.

— Nunca obrigue o marido a tomar conta de trabalhos na cozinha. Melhor será, incitá-lo a varrer a casa todas as manhãs.

— Beije o seu marido antes e depois das refeições, sempre que lhe queira apresentar uma conta da modista.

— Nunca discuta com seu esposo. Sempre que ele comece a falar em coisas que não lhe interessam, tape-lhe a boca com um pouco de algodão embebido em ácido sulfúrico.

— Não rессone de noite. Evite tal tragédia, fugindo de todas as correntes de ar, possíveis e impossíveis.

— Obrigue o seu marido a fazer a barba, pelo menos uma vez por ano.

— Não toque piano ou cante, com o marido das portas para dentro. E' que os vizinhos podem julgar outra coisa...

— Nunca parta loiça na cabeça de seu marido. Lembre-se de que se ele se irrita e pode muito bem atirar-lhe o fogão de gás, à cara.

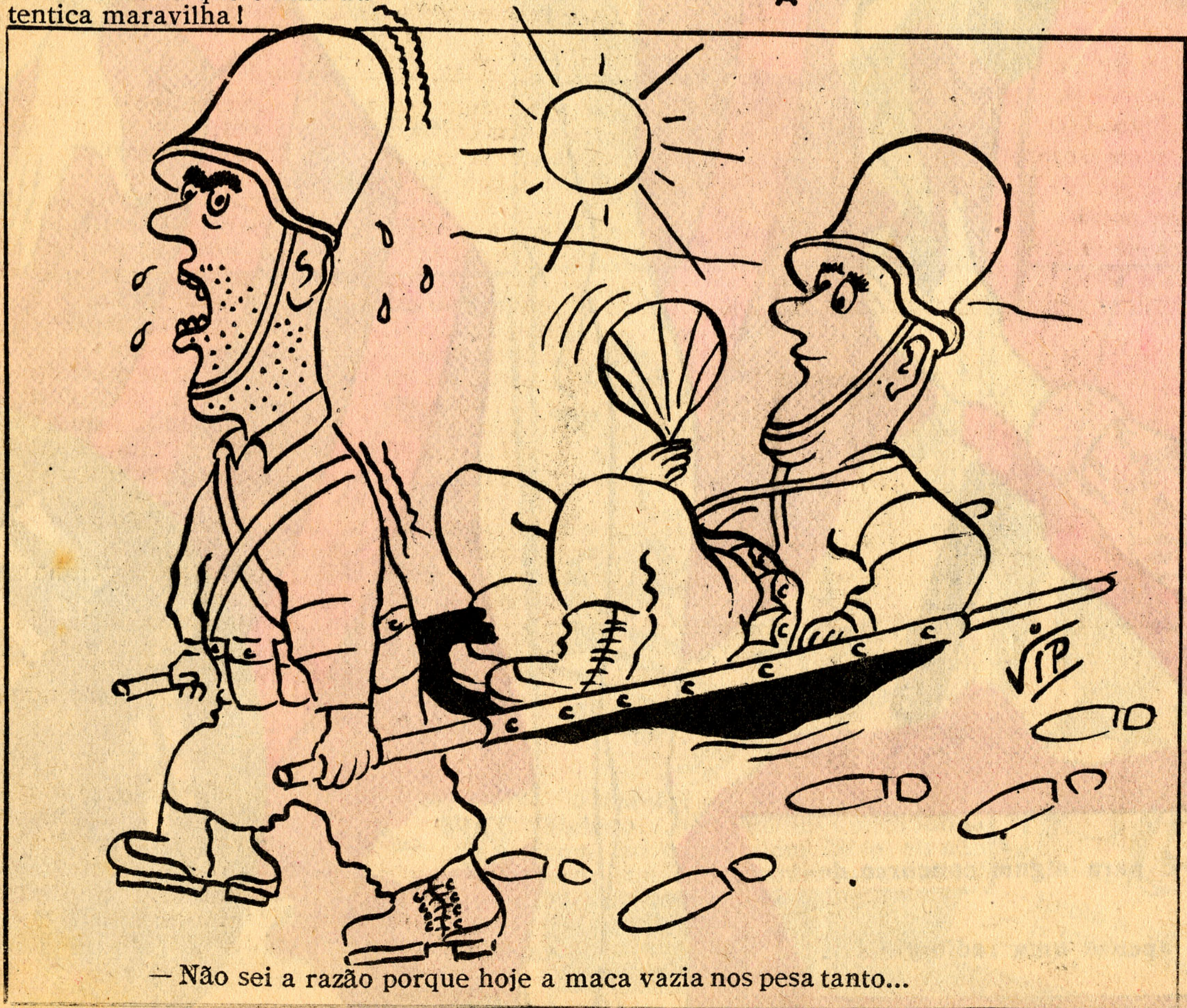
— Se descobrir nos lenços de seu esposo marcas de baton, parta sempre do princípio que isso se deve a uma «partidinha» de amigos.

— Apresente a seu marido as suas mais insinuantes amigas, e nunca exija dele idêntica atitude.

— Não lhe dê a notícia da vinda de um «reberto», de repente. Deixe correr o espaço normal de tempo para que ele compreenda, por si próprio, o seu «interessante estado», e comece a fazer contas à sua vida futura.

P. da C.

N. da R. — Fazemos saber que este nosso presado colaborador nem é marido, nem tampouco é viúva do «The fullish women».



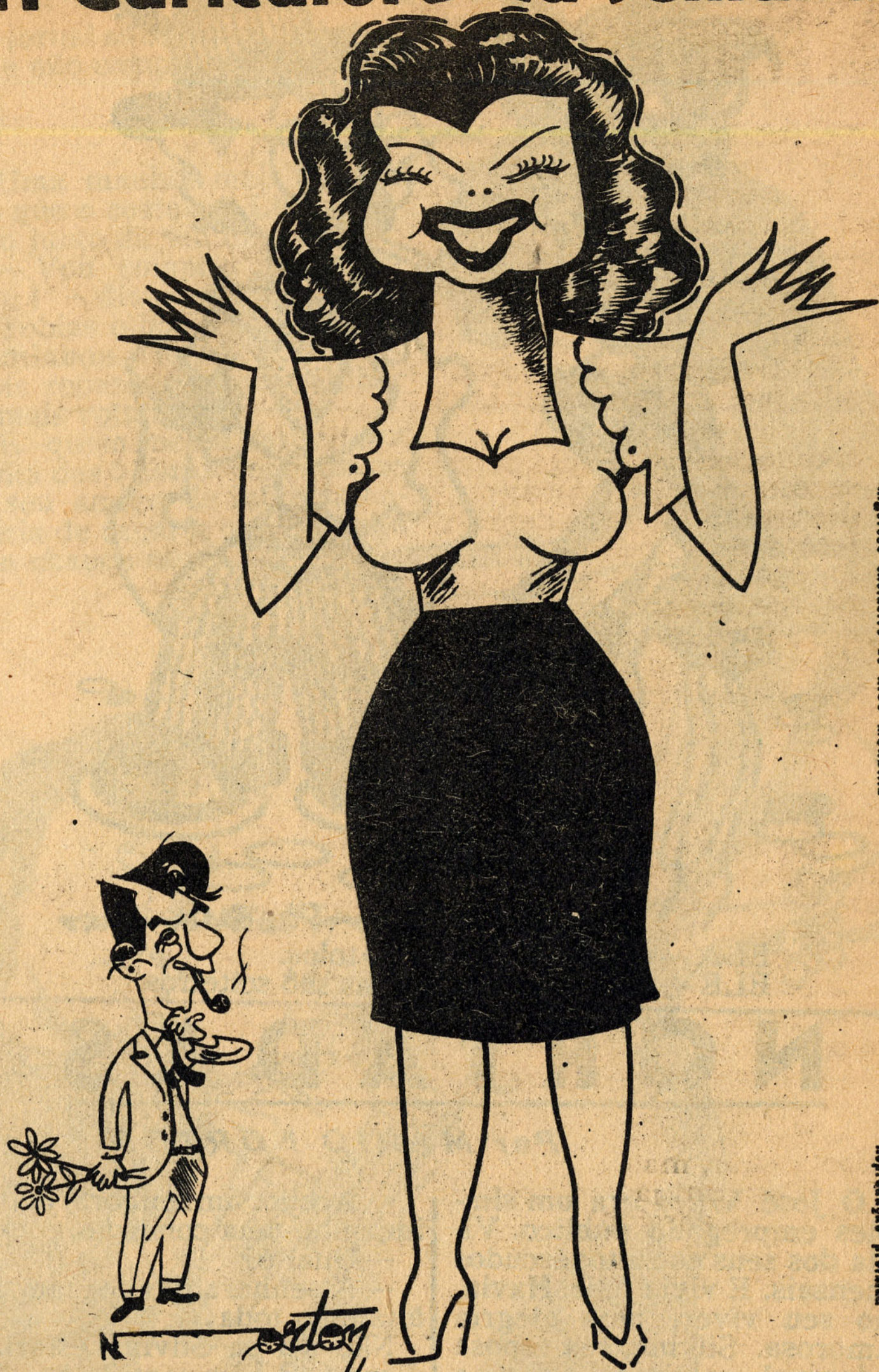
— Não sei a razão porque hoje a maca vazia nos pesa tanto...

EU VI...

por MÁRIO GRAÇA

Vi na Travessa da Espera
Gentinha a passar depressa;
Vi que a Virginia Soler
Não entra em nenhuma peça!
Lá na Rua do Amparo
Vi um bêbedo caído
E, na Rua da Emenda,
Ninguém estava arrependido;
Vi também o Fala-Só
A falar acompanhado;
Vi o «Tá bem não Tá»:
'Tá bem o Fado Falado;
Vi que na Rua do Norte
Estavam todos variados;
Vi «safar-se» o sor Miranda
Com a Amália a cantar fados;
Vi na Rua da Esperança
Gentinha desesperada;
Vi o filme «Bola ao Centro»
E não presta para nada!
Vi, na Praça do Comércio,
Que ninguém 'stava a vender
E vi que no Arco Cego
Tôda a gente sabe ver;
Vi na Rua dos Vinagres
Gentinha gorda, anafada;
Na Rua do Paraíso
Vi muita gente à pancada;
Vi inda, na Triste Feia,
Moças alegres, bonitas,
E vi que o Vasco Morgado
Não deixou de fazer «fitas»;
Vi no Pátio do Leão
Que eram todos do Benfica;
Vi os «mortos» do B'lenenses
A jogarem com genica;
Vi mais, nas Janelas Verdes,
Janelas de várias côres,
E, na Rua dos Remédios,
Vi muita gente com dores;
Vi na Rua da Alegria
Tudo triste, sem acção
E mais não vi, podem crer,
Por me faltar a visão.

A Caricatura da Semana



Reprodução exclusiva de RISO MUNDIAL

Reprodução proibida

Laura Alves numa interpretação do caricaturista Mário Norton

A DAR... A DAR...

Quem conhecesse como eu, o José Dão, tinha por certo, a ventura de conhecer o maior benemérito de todos os tempos.

Como José Dão, que se presava de dar... (perdão, de ser) o José, dava... e tanto deu... tanto deu... que até se deu... ao luxo, de dar... objectos que não eram seus!...

Numa célebre tarde fui encontrá-lo dando... uma valente sova na mimosa esposa, por esta ter dado... uns cobres a um pequenito que por ali passava.

E o Dão bramia, dando... urros de cólera, espumante de raiva e branco como o giz;

— Quem dá... sou eu, mais ninguém, ouviu? Eu, José Dão, é que nasci para dar!...

E tinha voltado a dar... nova tarefa, se não fôsse eu pôr termo àquela infinda barafunda.

Um dia, o José Dão, teve a infeliz ideia de dar... em batoteiro, e, quando dava... as cartas, dava-as... com tanto azar, que os companheiros davam-lhe... com o truque, e o bom do Dão, ia perdendo as seus cobres, e daria... até o último tostão, se eu, não lhe desse... uns altruistas conselhos.

Passaram tempos, e, fui forçado a ausentar-me, e o José Dão, deixou de me dar... notícias suas.

Quando menos esperava, dei... com o Dão, dando... violentos murros, no cabeludo peito, a dar... mostras de valentão, desafiando uns figurões quaisquer, que deram... em dizer frases em seu desabono. E, ao pretender dar... um sóco numa das vítimas, distraiu-se, deu... ouvidos aos lancinantes clamores da mimosa esposa, e uma forte sarivada de fortes punhos, deu... com o Dão de pantanas...

Os tais figurões tinham-lhe dado... bem!

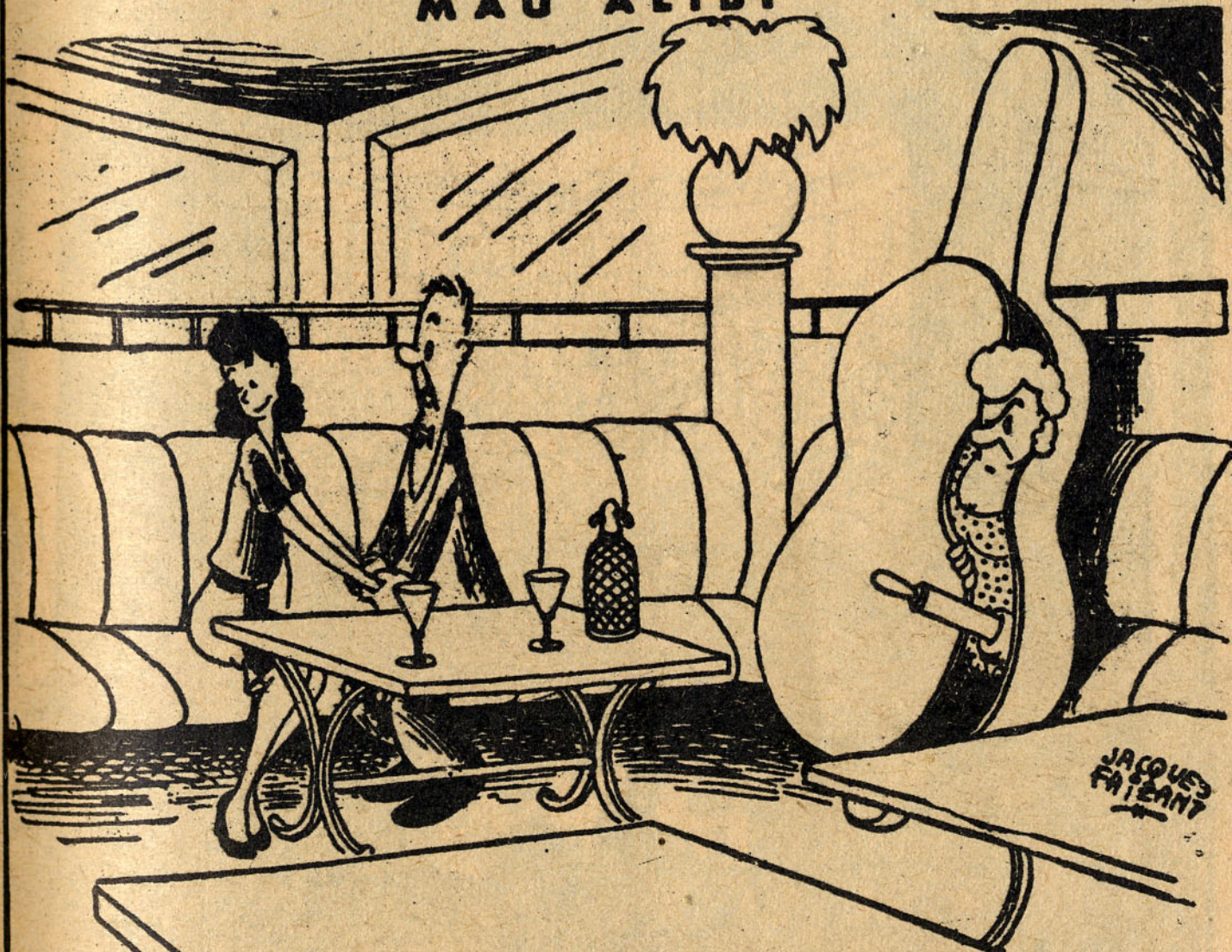
Resultou desta cena, o Dão, dar... entrada no hospital, em estado grave, para depois dar... o derradeiro adeus à vida!

* * *

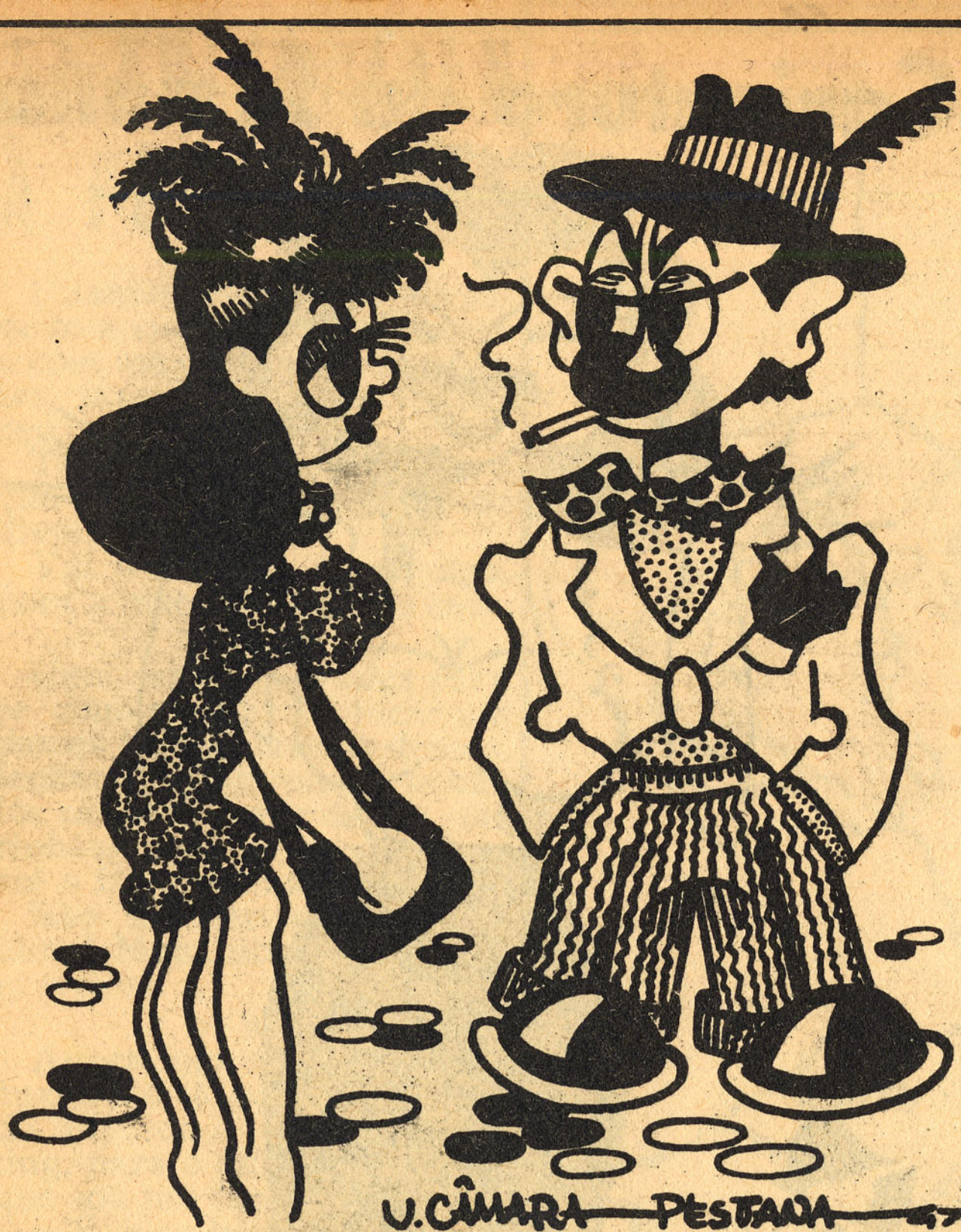
N. A.— Dando... uma olhadela no jornal, dei... de choque, com a notícia que o José Dão não tinha dado a alma ao criador, como eu sopusera, pois dera um pontapé na morte, voltando a dar... os bons dias lá no sítio!...

Fernando Fonseca

MAU ALIBI



— ...Então, disse à minha mulher: «Não posso sair contigo porque tenho de levar o contra-baixo e ir para o concerto!...»



ELA — Os homens são uns tolos.
ELE — Pois sim, mas alguns são solteiros.

NORTADAS

Por MÁRIO NORTON

O José Verol era um simples empregado público. Vivia dos seus nocentos escudos mensais. E vivia feliz. Havia, no seu viver, uma alegria amorosa. Silvina, sua esposa adorável, realizava o sereno milagre de faze-lo bemaventurado.

Nascera-lhe o primeiro filho, o fruto sazonado da arvore da sua vida. E logo uma desilusão.

O alvo leite materno não orvalhara as rasas dos seios de Silvina. E para o magno problema que se antolhava, uma ama de leite era a única solução.

Verol correrá à imprensa, e publicará um anúncio económico, na coluna alfabética dos jornais.

E aparecerá, imediatamente, um lindo tipo de mulher moça, morena, nortenha, carnes rijas, exuberantes, seios apoiados, dessas que trazem no destino, a missão divinatória de fortalecer vidas em flôr.

E estabeleceu-se logo, o seguinte diálogo:

— A senhora quer amamentar o meu filho?
— Sim senhor.
— E quanto quer por mês?
— Quatrocentos escudos.
— Quatrocentos escudos?!
— Sim senhor.

Verol lembrara-se do seu vencimento de novecentos escudos, e para conciliar todos os interesses, os seus, os de Silvina, e principalmente os do bebé, sorriu, e irónico, propuzera:

— Aceito, sim senhora, mas, imponho uma condição.

— Qual é?
— A senhora dar de mamar à família toda...
Não sei se Silvina estaria disposta a esse sacrifício...

A' ULTIMA HORA

Acaba de chegar da Escandinávia onde andou a caçar patos o nosso estimado redactor desportivo CHICO DO APITO que todas as semanas com uma precisão cronométrica, dará novas e mandadas acerca do desporto nacional.

(... Nacional ó Sandwiche!?)

RISO MUNDIAL

Redacção e Administração: RUA DE SANTANA (A' LAPA), 15 — LISBOA * Composição e impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LDT., Trav. de S. Pedro, 9 Telefone 25893 * Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Novelas para Senhoras

Ele, ela e mais duzentos e trinta e seis

(PRIMEIRA NOVELA)

Ela e ele bailavam ao compasso da música.

Ele mirava os olhos dela. — Tens uns olhos lindos — disse-lhe.

— Adulador! — replicou ela. A orquestra atacou, então, a parte mais romantica da música. Ele compreendeu que o momento que tanto ansiava e tanto temia estava a chegar.

— Aqui ha demasiada gente — disse — Saíamos um pouco até ao jardim.

Sairam. Sobre o jardim brilharam três pequenas estrelas: era um baile modesto que não dava para mais.

Porém, quando saíram a porta, ouviu-se um murmúrio que vinha do interior do jardim e logo muitas vozes se fizeram ouvir na obscuridade.

— Faça favor de não empurrar!

— Tenha mais cuidado... Vejá onde põe os pés!

Dera-se o caso que as duzentas e trinta e seis pessoas que estavam no baile, haviam dito:

— Aqui ha demasiada gente; saíamos um pouco até ao jardim.

Fim da primeira novela

Ciume

(SEGUNDA NOVELA)

O autor do livro «A filosofia ao alcance de todos» chegou a sua casa.

A sua amável esposa saudou-o carinhosamente; mas ele, sem a mirar, começou a percorrer a sala em grandes passadas.

— Que te ocorre? — perguntou-lhe ela.

— Esposa infiel! — gritou ele como resposta.

— Porque dizes isso? — tornou ela a perguntar.

— Ainda mo perguntas? Acaso neste momento não estás falando com um homem, diante de mim?

— Eu não estou falando com nenhum homem — replicou ela, começando a chorar.

— Desavergonhada! Eu não sou um homem?... Não estás falando comigo?

— Sim, é certo — contestou ela presa de violento pranto.

— Mas tu não és outro homem!

— Hipócrita! Mas que hipócrita!

Acaso sou eu Napoleão? — gritou fora de si.

— Com efeito não és Napoleão.

— Nesse caso sou outro!

Estás vendo, desavergonhada, como diante de mim estás falando com outro homem?!

— Sim, é certo! — disse ela, presa de terríveis espasmos.

Desonrei o nosso lar!

— Já que o reconheces, exijo-te que saias dele e que não volvas a por-te diante dos meus olhos. Fora!

Ela saiu dando fortes socos no peito enquanto o autor do livro «A filosofia ao alcance de todos» continuou dando grandes passadas, visivelmente excitado, pela casa adiante.

Hache

Tradução e adaptação de CODORNIZ

Director (Interino) e Proprietário:

JERÓNIMO PINTEUS DE SOUSA

Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO

Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)

Cassine
O Riso! 13¢



CHAPEUS... HÁ MUITOS

por FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

A senhora Balustrate (chapéus e malas de viagem. Rua tal número tantos) assemelhava-se a uma dessas máquinas automáticas que por um lado mete-se o dinheiro e pelo outro sai uma surpresa com uma quadra, no verso, sinceramente idiota.

Esta senhora, que teoricamente se encarrega de arranjar chapéus e que praticamente arranjava casamentos, a troco de algumas notas, seria capaz de conseguir dum dia para o outro, uma esposa ideal para qualquer desprotegido do coração feminino.

Foi por intermédio desta pseudo-caixa automática que o Tobias se casou.

O Tobias não era um daqueles homens a que as mulheres vulgarmente chamam horríveis mas que os acompanham porque ao travar-lhes do braço lhe calcularam o volume da carteira. De parte essa ideia. O Tobias era sim, um daqueles homens a que as mulheres chamam simpáticos mas que por mais travagens... que lhe façam, não conseguem notar qualquer volume de dinheiro.

Daí a razão porque ele não arranjava uma noiva, uma mulher que dia a dia lhe fizesse as torradas, lhe remendasse as ceroulas e lhe aquecesse a água para escaldar os calos. Ai, mas as mulheres modernas, que têm aversão às ceroulas, ao fazer a comida e a aquecer águas, nunca lhe apareceram.

Até que, um dia, um amigo de infância — esses amigos que crescem lado a lado e que se fazem transmitir os mesmos sentimentos e iguais imbecilidades — lhe bateu no ombro dizendo-lhe:

— «Precisas é dum chapéu!»

Tobias, cuja asa esquerda do bigode teve um ligeiro estremecimento, julgou que o seu amigo de infância estava sofrendo de alienação mental e interrogou, na dúvida:

— Chapéu?

— Sim, chapéu — volveu este.

E levou-o para um canto. Dois dias depois Tobias mandava fazer um chapéu na cabeça da senhora Balustrate.

Três dias após mandar fazer o chapéu, tinha uma noiva.

Um mês depois casava.

Os sinos tocaram nesse dia e a senhora Balustrate durante uma semana não mais abriu a loja... Fora comprar mais feltro para chapéus.

Quatro meses se passaram após o casamento. O período suficiente para ele ver que não gostava dele.

Lili não nascera para aquela vida: chá e torradas e o marido em pijama o dia inteiro

a ler. Ela nascera numa geração diferente em que tudo é dinamismo; em que os bebês já nascem a mastigar «chewing gum».

Tobias, diga-se em seu desabono, era pouco dado a meiguices. Era daqueles que para obter um beijo não necessitam percorrer 100.000 quilómetros num «BUICK» ante um cenário de sonho.

E a Lili gostaria de mais carinho, de mais romantismo. Mas ele lia o jornal de fio a pavio: da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Fora disso colecionava capicuas — e a história das capicuas faz esquecer as mulheres...

Aquele seu amigo de infância, que lhe indicara a senhora Balustrate, visitava-os diariamente. Por vezes, os olhos de Lili encontravam-se com os do amigo de seu marido. E ambos se compreendiam muito bem.

Só Tobias continuava a ler

no jornal as cotações da bolsa, que não compreendia.

* * *

Uma manhã, mais risonha do que o costume, Lili apareceu junto de seu marido.

— Vou comprar um chapéu! — disse simplesmente.

Tobias olhou-a de soslaio e continuou a ler. Só 4 dias depois reparou que sua mulher jamais voltara.

E quem nessa tarde, por volta das 5 horas, encontrasse o seu amigo de infância haveria de reparar que ele tinha um chapéu novo...



O Caso de A FLAUTA E O BURRO

por W. FERNÁNDEZ FLÓREZ

QUANDO eu quero bem a uma pessoa não deixo de recomendar-lhe certas precauções para o caso de que deseje visitar a redacção de um semanário humorístico. Porque me recordo do caso de «A flauta e o burro».

«A flauta e o burro» era um hebdomadario consagrado ao riso. O director era amigo meu. Chamava-se Rodriguez, pálido, débil, de idade mediana, bondoso e tranqüilo; trabalhava muito, ganhava pouco e não se queixava nunca.

Parecia um anjo, e ainda hoje não me convenci de que fosse mau. Um dia apareceu na redacção de «A flauta e o burro» o detective Gomes, famoso pela sua indiscreta perspicácia. Sentou-se em frente ao director, ofereceu-lhe um cigarro e saiu-se com esta pergunta:

— Que fez você de Juan Gutiérrez?

— Juan Gutiérrez? — repetiu o director — Quem é?

— O empregado da perfumaria Azahar, que desapareceu faz 2 semanas!

— Ah! — exclamou Rodriguez — Tenho uma vaga ideia.

E empliceceu um pouco.

— Oíça, Rodriguez — disse o detective — deixemo-nos de rodeios. Acomulei provas. Você vendeu o fato de Gutiérrez numa casa de Alcântara.

— Oh; por uma miséria!

— Mas vendeu-o!... Onde está o corpo da sua vítima, desgraçado?

O director de «A flauta e o burro» pareceu meditar; logo falou lentamente:

— Não me martirize com frases pomposas, inspector; não as suporto nem aos colaboradores. Vejo que não tenho saída e tampouco a busco. Venha, e acabemos depressa.

Tirou uma chave do bolso, conduziu o policia até um grande armário e abriu as portas. Gomes deu um passo atrás. Encostados uns aos outros como bonecos dum pim-pampum, apareceram cinco cadáveres.

— Este foi Gutiérrez — indicou o director — aquele, um farmacêutico; o terceiro, um empregado municipal; os outros dois, não os conheço!

— Você é um monstro. Como pode...?

— Sente-se, inspector, e eu lhe explicarei com franqueza... Não creio que se possa falar de monstruosidade. O senhor ignora o que seja um semanário humorístico. Qualquer periódico está sujeito a visita dos colaboradores espontâneos. A maioria das pessoas supõem possuir o dom da graça e ate aquelas que confessam a sua incapacidade

para escrever uma carta a um diário, queixando-se do preço das pescadas, não têm dúvida em enviar as suas gracinhas para os jornais humorísticos. Sucede tambem que esses cavalheiros aspirantes a provocar gargalhadas necessitam de presenciar os efeitos na sua cara e ouvir-nos dizer: «Muito bem... está ótimo!» Se se contentassem em mandar pelo correio as suas gracinhas, é como o outro; mas vêm aqui e querem lê-los; e lê-los! Você não sabe, inspector, as numerosas palermices que me têm obrigado a escriptar. Imagine o senhor o meu suplício diário.

Certa vez chegou um dos tantos graciosos desconhecidos. Sentou-se aí onde você está, e começou a ler-me três artigos. Um tentava extrair hilariedade das sogras;

o outro, dos médicos; o outro, da Carris. Eu suava por todos os lados. Gritei «Basta!».

— Não fez caso. «Basta!», rugi como louco. Não fez caso. Os

clistes eram cada vez piores. Arrastado por essa força irremovível, de que lhe falei anteriormente, peguei nesse

papel de bronze e fendi-lhe o crâneo. Em quatro ocasiões mais, me ocorreu o mesmo. E ainda bem que não tem

aparecido nenhuma viúva que se supõe ter mais graça que Mihura e que é insupportavelmente estúpida, porque a essa...

... a essa... Bem, inspector, isto é o que se passa.

Gomes levantou-se, severo.

— Siga-me! Tenho um carro lá em baixo.

— Um momento — pediu o director — tenho de escrever as legendas para umas caricaturas. Conceda-me uns minutos. Pode entreter-se aqui, com estas revistas. Eu vou lá dentro, não demoro.

Gomes acedeu. Passou um quarto de hora, vinte minutos. O director de «A flauta e o burro» fazia de quando em quando uma frase. No seu cérebro girava a ideia da prisão.

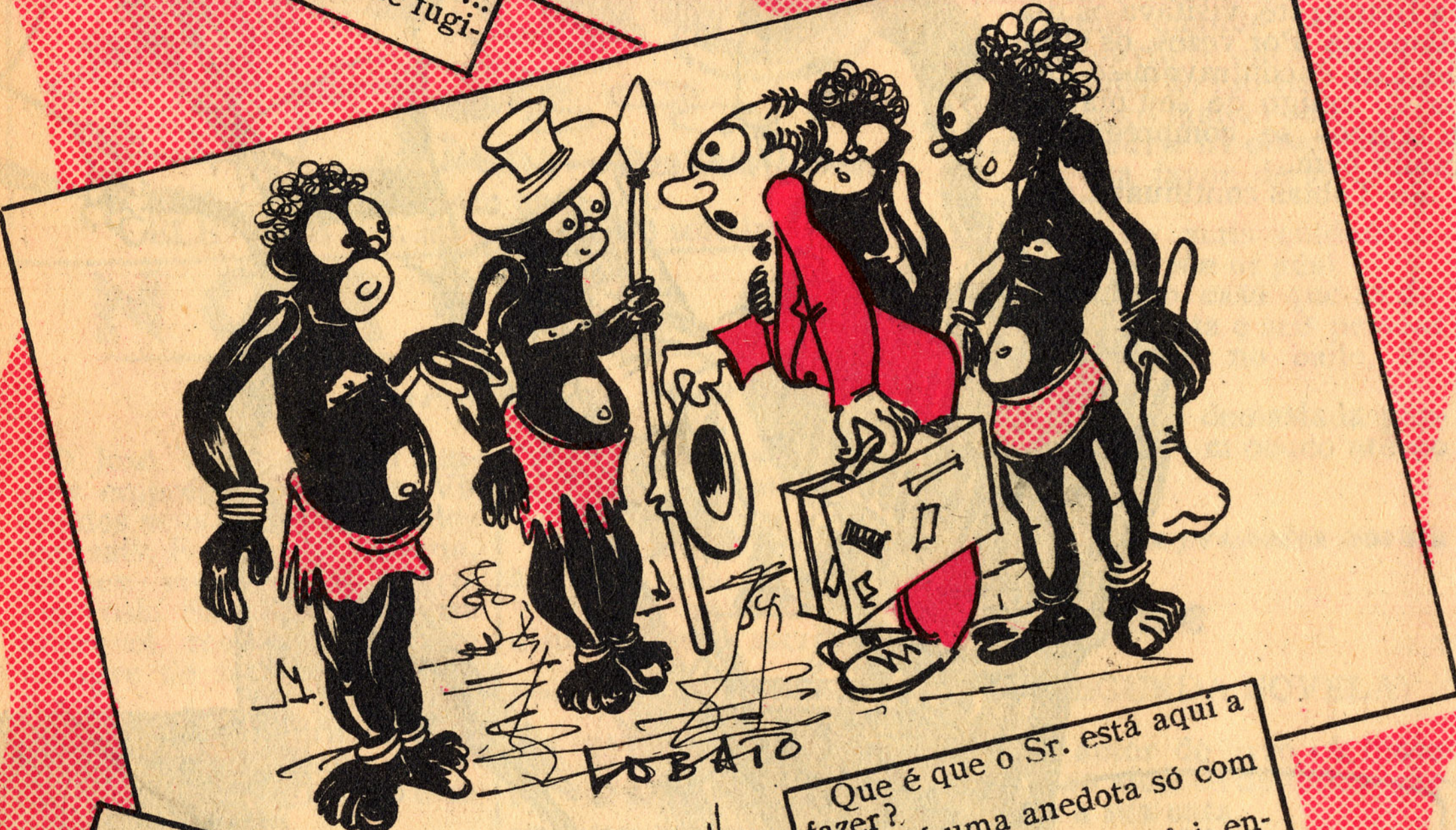
Bruscamente, a porta que comunicava com o seu gabinete, abriu-se. Lívido, com o bigode em pé, o detective apareceu no limiar.

— Vou de seguida — prometeu Rodriguez — falta pouco!

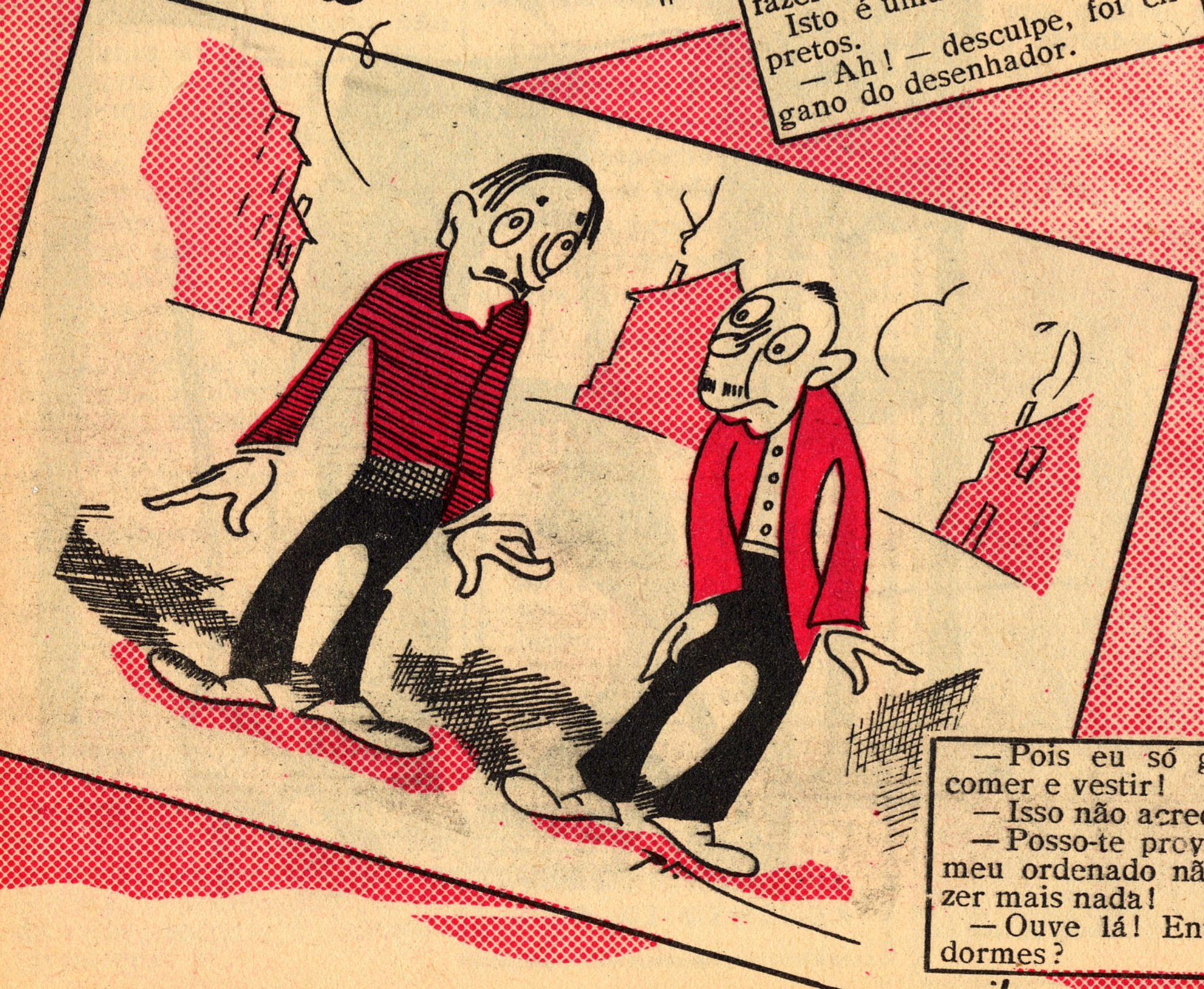
— Não é isso, Rodriguez — declarou o Inspector com voz rouca — E' que... veio a tal viúva. Venha aqui ao seu gabinete.

Sobre a secretaria estavam 10 ou 20 folhas de papel deramadas e o pisa-papéis metido no crâneo duma mulher de luto, completamente morta e com os olhos em bico.

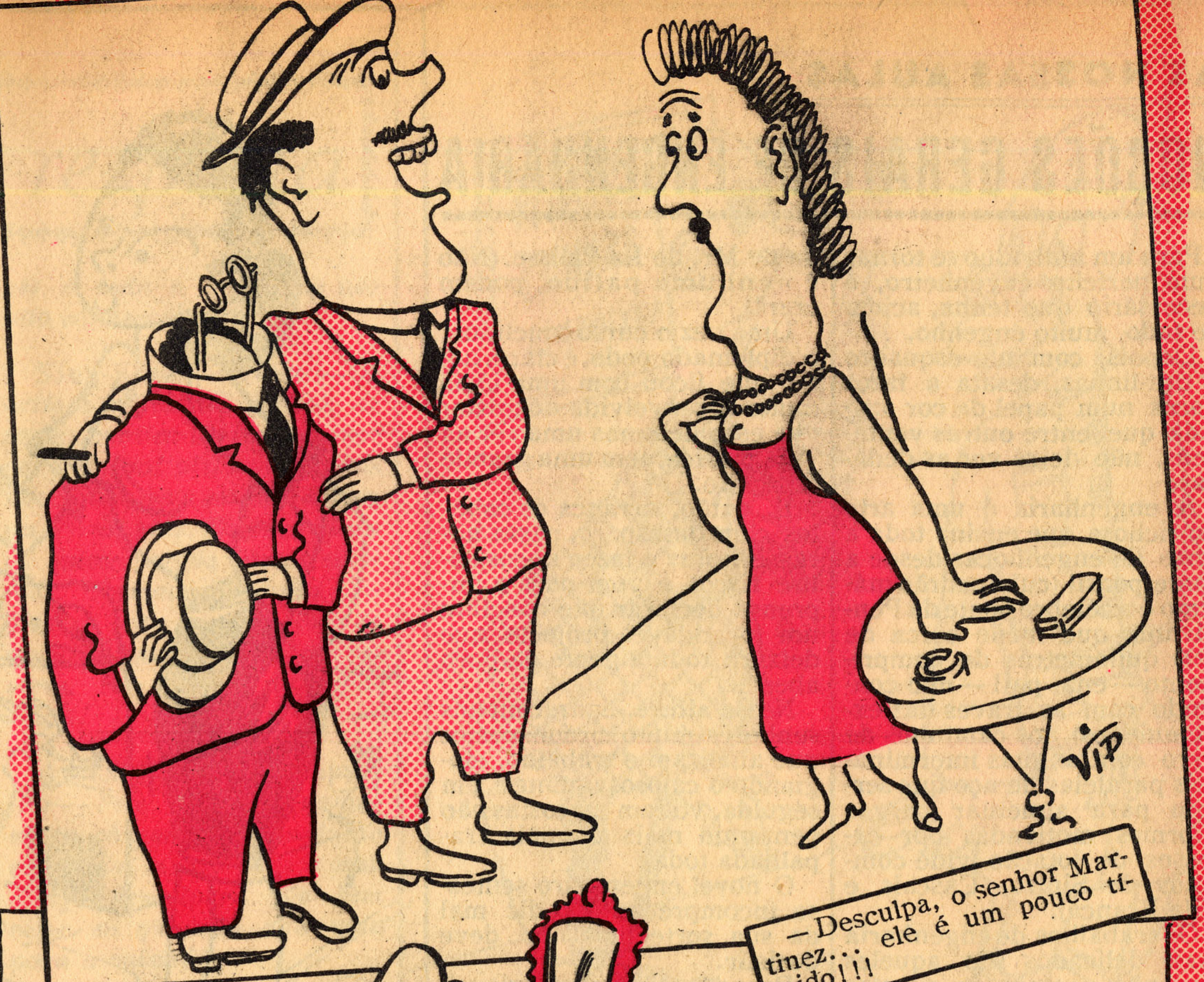
CHICO
—?!
— Como são dois teimosos... Assim não há perigo de fugirem.



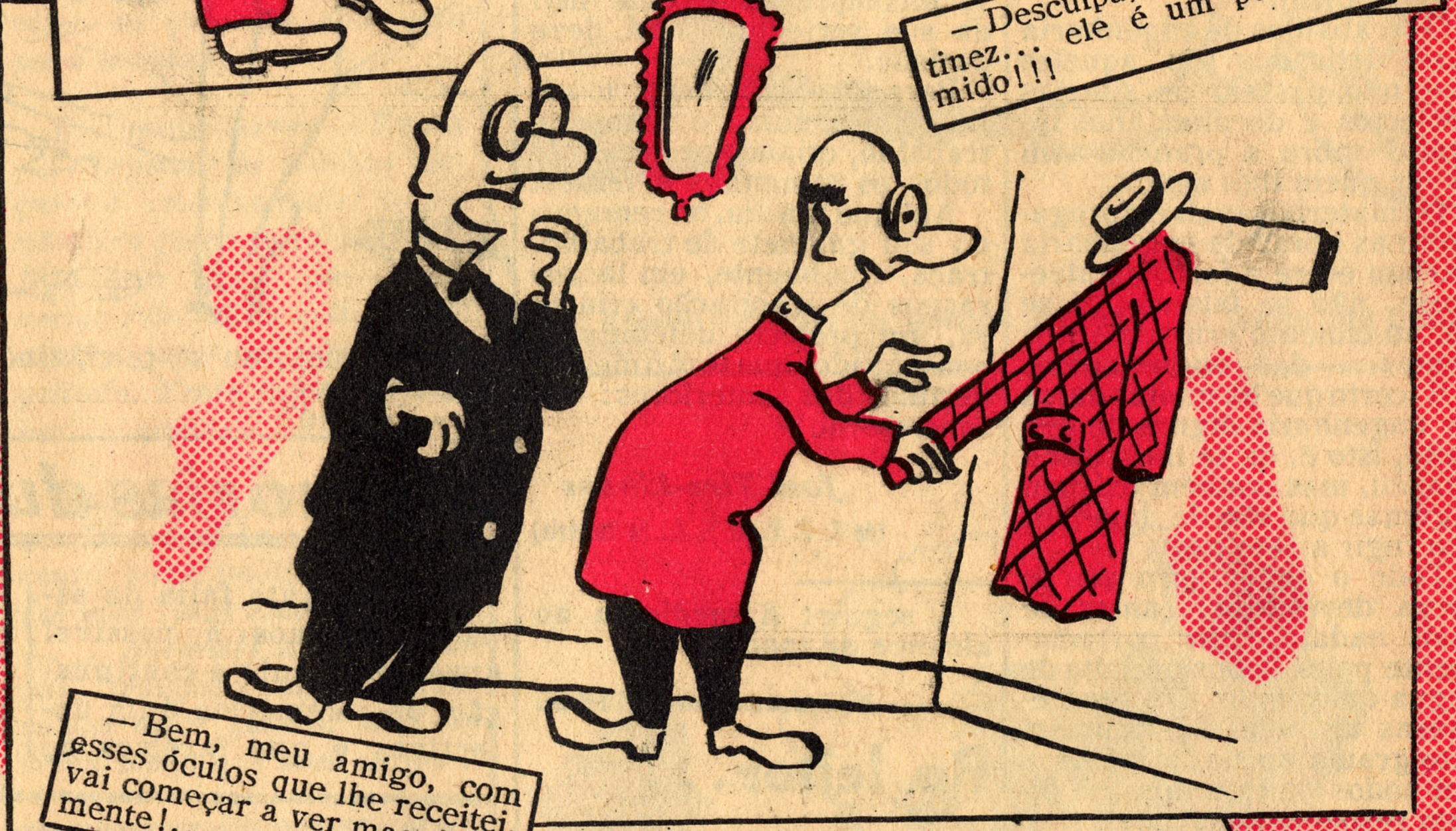
Que é que o Sr. está aqui a fazer?
Isto é uma anedota só com pretos.
— Ah! — desculpe, foi enganado do desenhador.



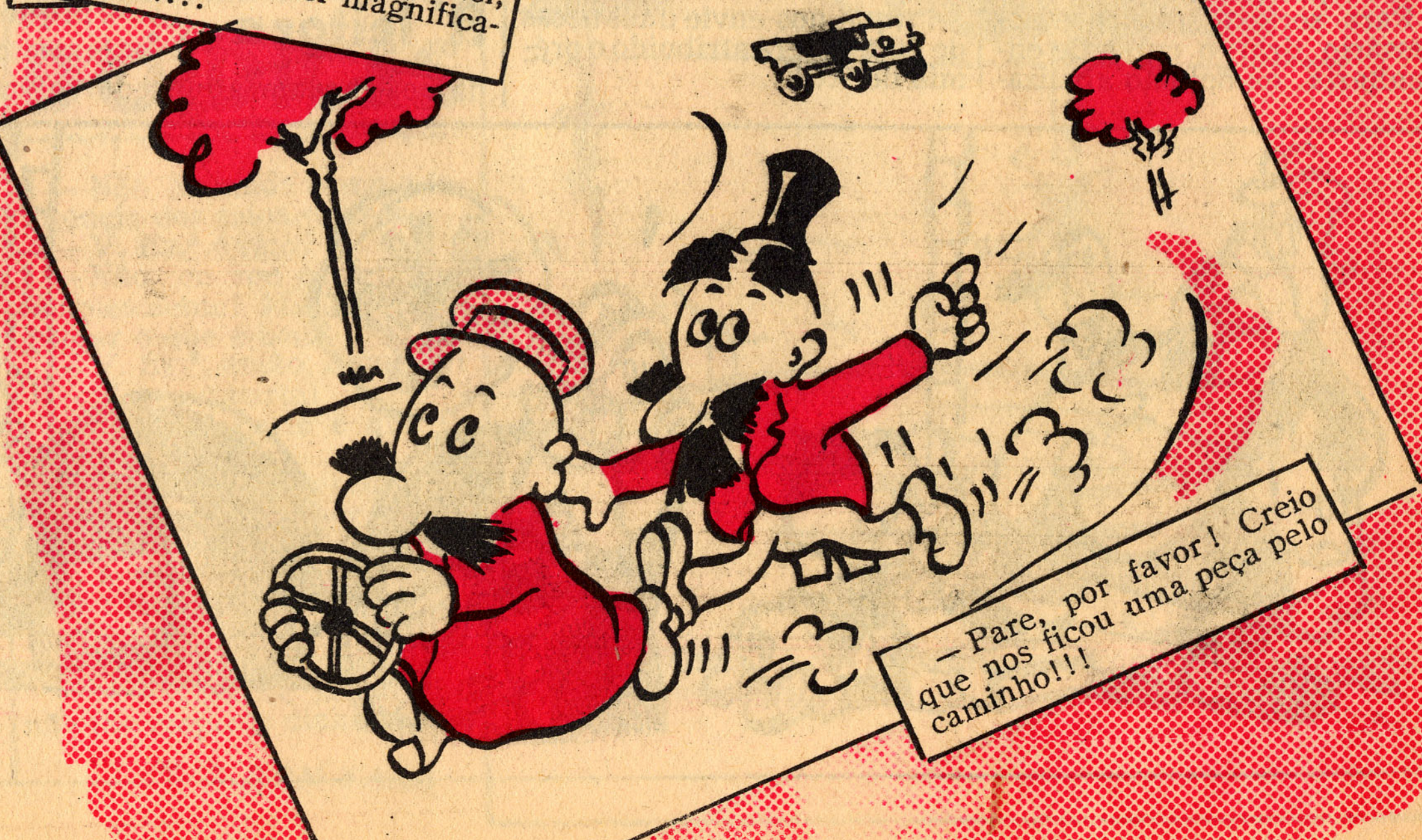
— Pois eu só ganho para comer e vestir!
— Isso não acredito!
— Posso-te provar! Com o meu ordenado não posso fazer mais nada!
— Ouve lá! Então tu não dormes?



— Desculpa, o senhor Martinez... ele é um pouco tímido!!!



— Bem, meu amigo, com esses óculos que lhe receitei, vai começar a ver magnificamente!...



— Pare, por favor! Creio que nos ficou uma peça pelo caminho!!!

(Continua na pág. 11)

NOÇÕES GERAIS DE ENGENHARIA

Para um indivíduo se tornar num perfeito engenheiro, é necessário que tenha, acima de tudo, muito engenho.

Depois, com um esquadro e tira-linhas, desata a fazer riscos num papel de cor azulada que, entre outras vantagens, não deixa ver as dedadas.

A engenharia é uma arte caprichosa que ensina toda a sorte de engenhocas desde a ponte pensil (cujo padrão máximo é a célebre ponte da Pensilvania que mede cerca de 3000 quilómetros de comprimento — ena, pai! — não contando com as traves das extremidades) aos caminhos de ferro com as suas intermináveis paralelas de aço que servem para aguentar cargas enormes motivadas por excessos de lotação (vidé combóios de Sintra, Cascais e Vila Franca).

Os trabalhos de engenharia mais delicados são aqueles que não passam de simples projectos e dormem anos infinitos sobre a prancha sem haver quem lhes acuda.

Os materiais mais empregados nas obras de engenharia variam entre o ferro e a alvenaria, não se falando, já se vê, no cimento armado até os dentes... das engrenagens.

E certo que ha muitas obras de engenharia dignas de respeito, isto é, de se lhes tirar o chapéu, mas também existem algumas que são de uma pessoa fugir a sete pés!

Todo o engenheiro que se preza deve saber, antes de mais nada, contar correctamente pelos dedos na falta de régua de cálculo, não ter tremuras de mão e possuir em alto grau a noção de que risca em todos os assuntos que dizem respeito à sua arte.

Para ser engenheiro é necessário tirar o curso de engenharia, na opinião abaliza-

da de Mr. de La Palisse. (Não é nenhuma palice, podem crer!)

Uma vez o curso concluído, o diplomado pode, é claro, notar que ficou com uma ideia muito desenvolvida do mister que escolheu mas uma vez na vida prática, tem uma grande decepção.

E, então, arranca os cabelos com desespero, passa horas e horas a fazer riscos sobre riscos e vem para a imprensa declarar que concluiu um formidável projecto que deixará toda a gente de boca aberta.

Nessa altura, aparecem uns senhores muito circunspectos que analisam o trabalho, elogiando-o calorosamente e, em seguida, voltam as costas não pensando mais naquela trapalhada toda.

O novel engenheiro sentese incompreendido, diz mal da sua sorte mas não deve desistir.

Para tanto, é necessário atirar-se com unhas e dentes ao trabalho, criando projectos de todos os tamanhos e feitios.

Até que um dia, no remanso do seu gabinete de trabalho, traça, finalmente, em largos rasgos de inspiração criadora, um projecto definitivo e consagrador que terá o mesmo destino dos anteriores: — o sono eterno!

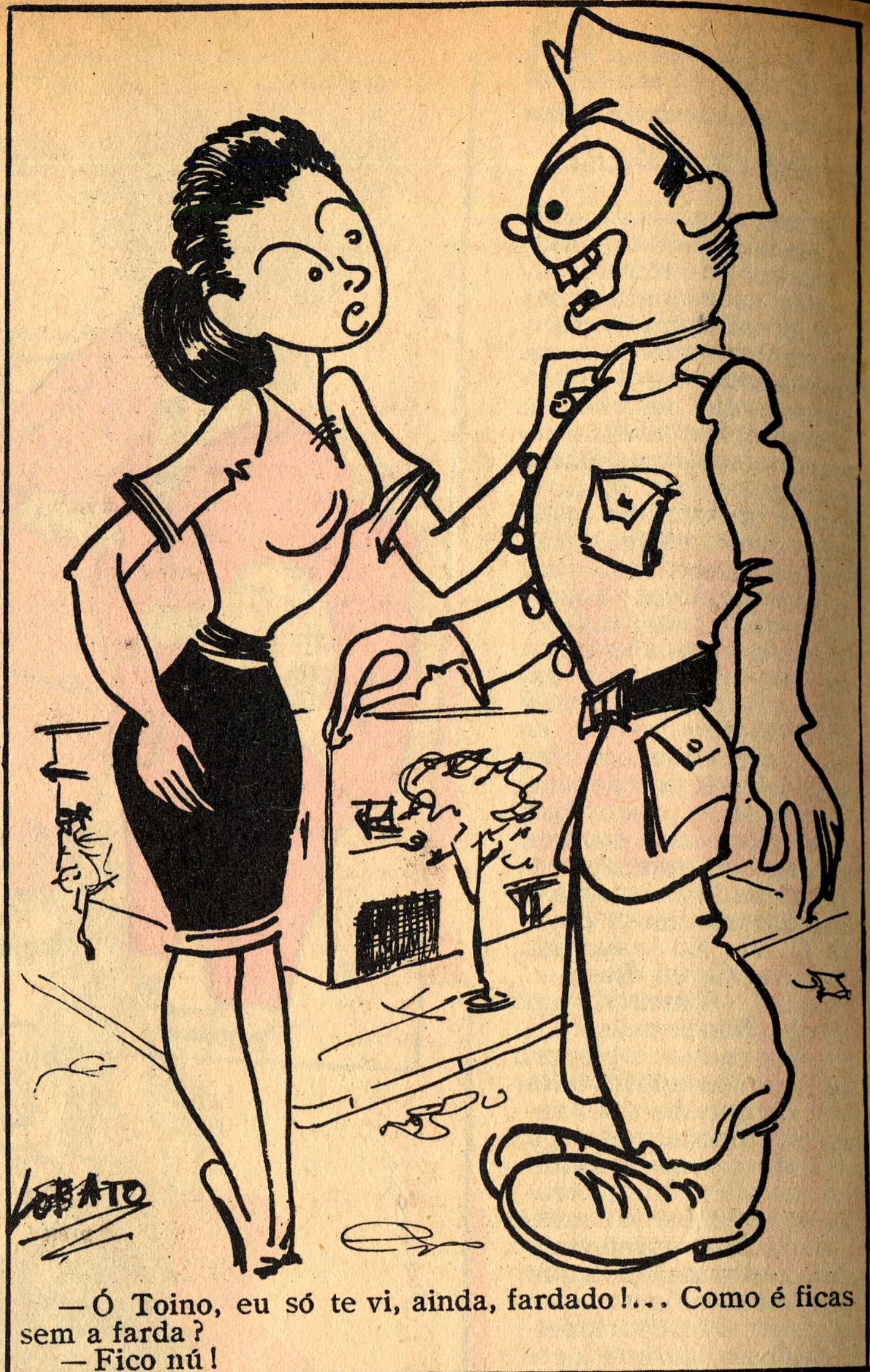
José Tira-Linhas

(do T. U. V. X. Y. Z., de Varsóvia)

A seguir: A medicina ao alcance de todos.

Ao leitor...

...que nos envie duas notas de 500\$00 será atribuído o prémio de 700!



Memórias dum detective

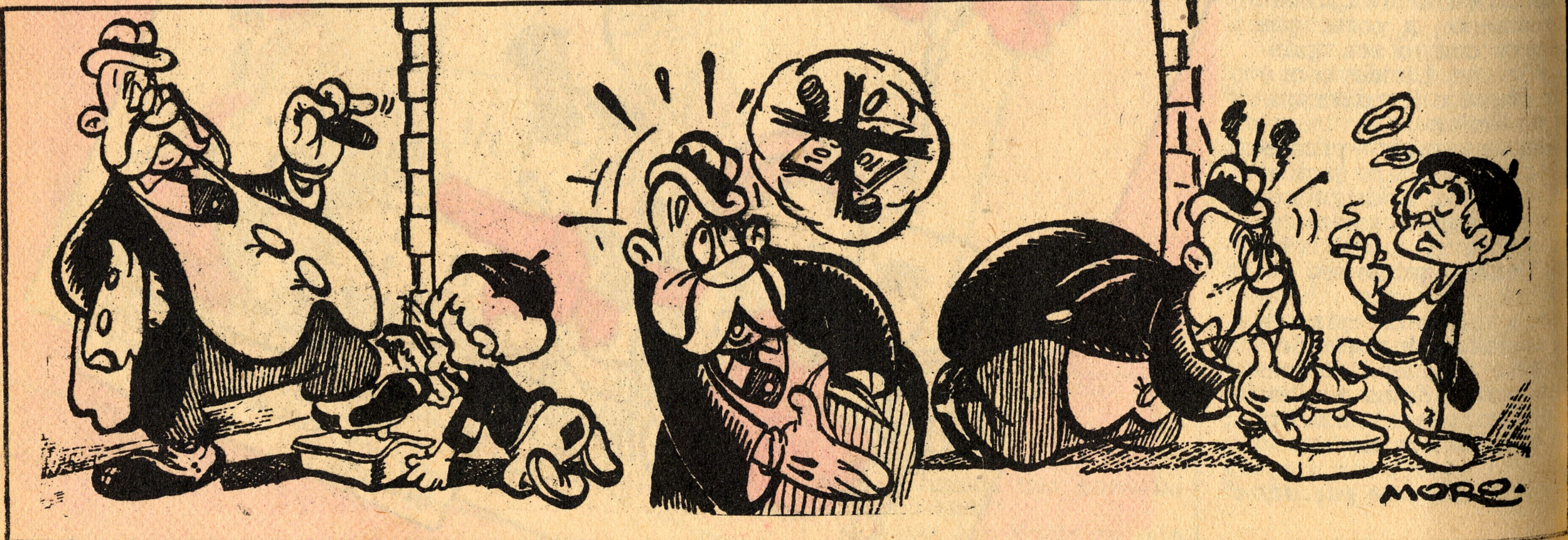
Por absoluta falta de espaço não nos é possível apresentar hoje a continuação de «Memórias dum detective» o que faremos no

próximo número. Nós prometemos e cumprimos... (mas eu não li isto já aqui para trás?!...)

...e Saramago

A' leitora...

...que se dê ao trabalho de nos fazer camisolas para o inverno damos-lhe um aquecedor eléctrico!



Aí vai a resposta

Fernando Duarte — Brevemente encontrará a secção de desporto no nosso jornal.

Luiz Ribeiro — Os seus bonecos precisam de vitaminas! Olhe que você com uns treinozinhos ainda pode entrar na selecção... perdão, na categoria de honra, quer dizer, na categoria dos bons desenhadores!

Carvalho — Idem, idem; aspas, aspas!

Luiz António A. Barros — Desta vez compreendemos a sua telha. Você tem feito progressos na caligrafia! Já tomamos nota da sua morada. Cumprimentos... e Sarraçamo!

J. Kupert — «Anedota desconhecida» acho bem que se não fique a conhecer, mesmo! Quanto a «Uma vaga esperança» não temos esperança nenhuma... Mas você pode ter esperanças porque tem veia literária! Mande um conto, ou uma peça, ou uns verros... mas com piada e que não vão além da boa conta e medida! Muitos e muitos cumprimentos.

Castor Caramelo — O senhor caramelo, em parte, tem razão... mas às vezes só pelo prazer de apresentar as ninfas nos esquecemos... da poesia! Escreva sempre, ó seu caramelo!

Luiz Rodrigues — Porto — «Efemérides» estão escritas com piada. Brevemente serão publicadas... depois duns ligeiros cortes por causa dumás ligeiras coisas que o meu amigo ligeiramente escreve!

Joaquim de Sá Dias — Algueirão — «Minha Santa no Concurso» é assunto batido. Faça mais de outro género porque o senhor Dias, deve ter muitos dias de inspiração!

Fernando Ruas — A sua peça será publicada depois de ficar um tudo nada mais curta! Cumprimentos em Al-

gés a toda a gente que nos não conhecer!

King-Kong — Évora — Os artigos regionais poderá, de facto, publicá-los em qualquer outro jornal visto que já nos não interessa a secção «o Riso na Província». Escreva quando quizer porque nós cá estamos. Obrigadinho pelos elogios... mas quando tiver de apontar um defeito não o reserve. Um abraço da rapaziada!

Anibal da Costa Carvalho — Pelo desenho que nos envia chegamos à conclusão que daqui a 500 anos o meu amigo desculpará tão bem como eu que não dou uma para a caixa!

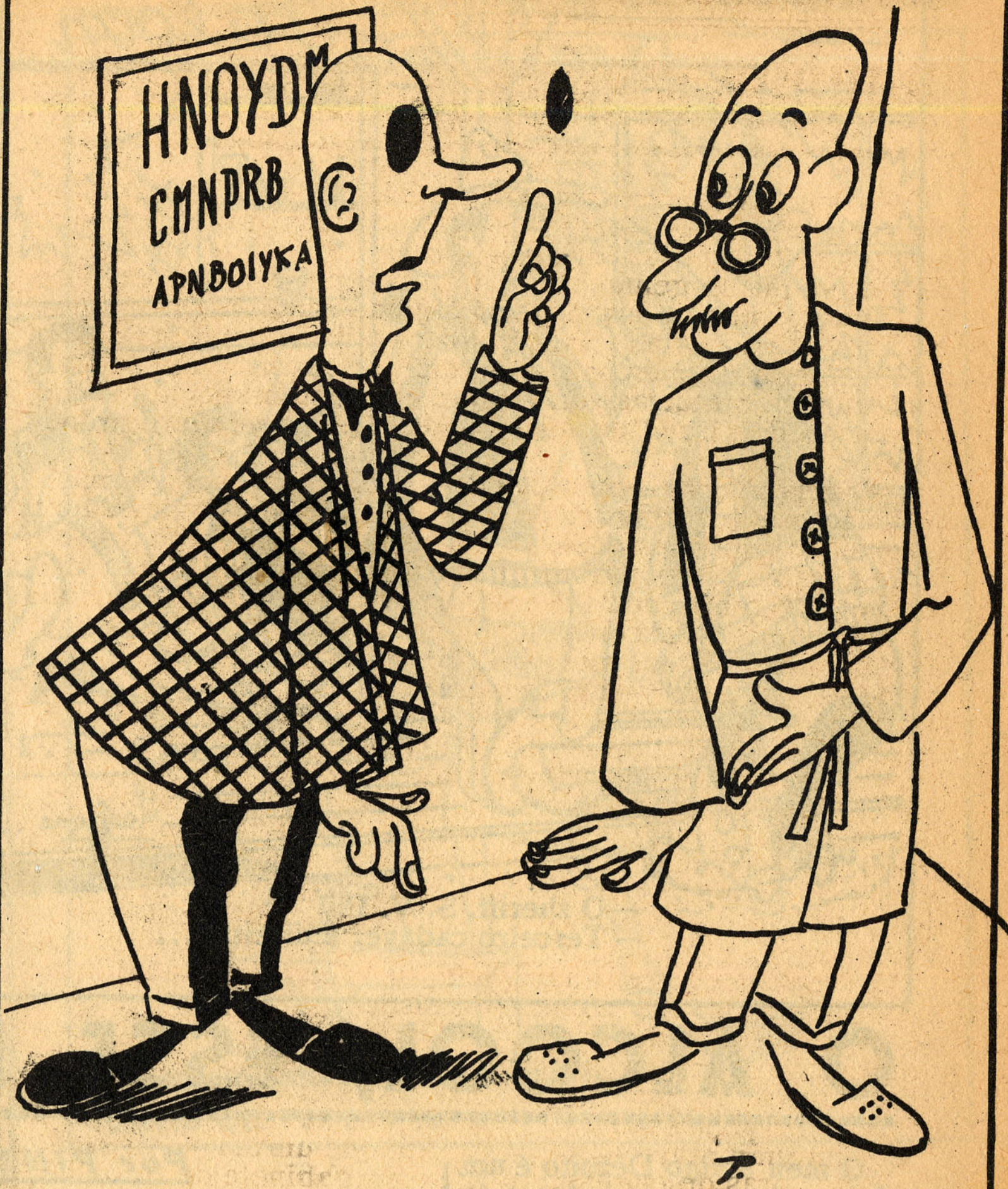
E. Ramos Alves — Évora — «Superior às minhas forças» é uma verdade! Quase não tive força para ler tudo. Não quer dizer que o meu amigo não tenha jeito. O seu conto é que é um pouco desageitado. Tente enquanto houver... ramos!

Manuel Rodrigues da Graça Dias — Vizeu — O seu conto seria publicável se... (se você fosse sincera, ó, ó, ó, ó... Aurora!) A nossa moral avançada não permite coisas neste género. Mas escreva mais, que você sáfa-se!

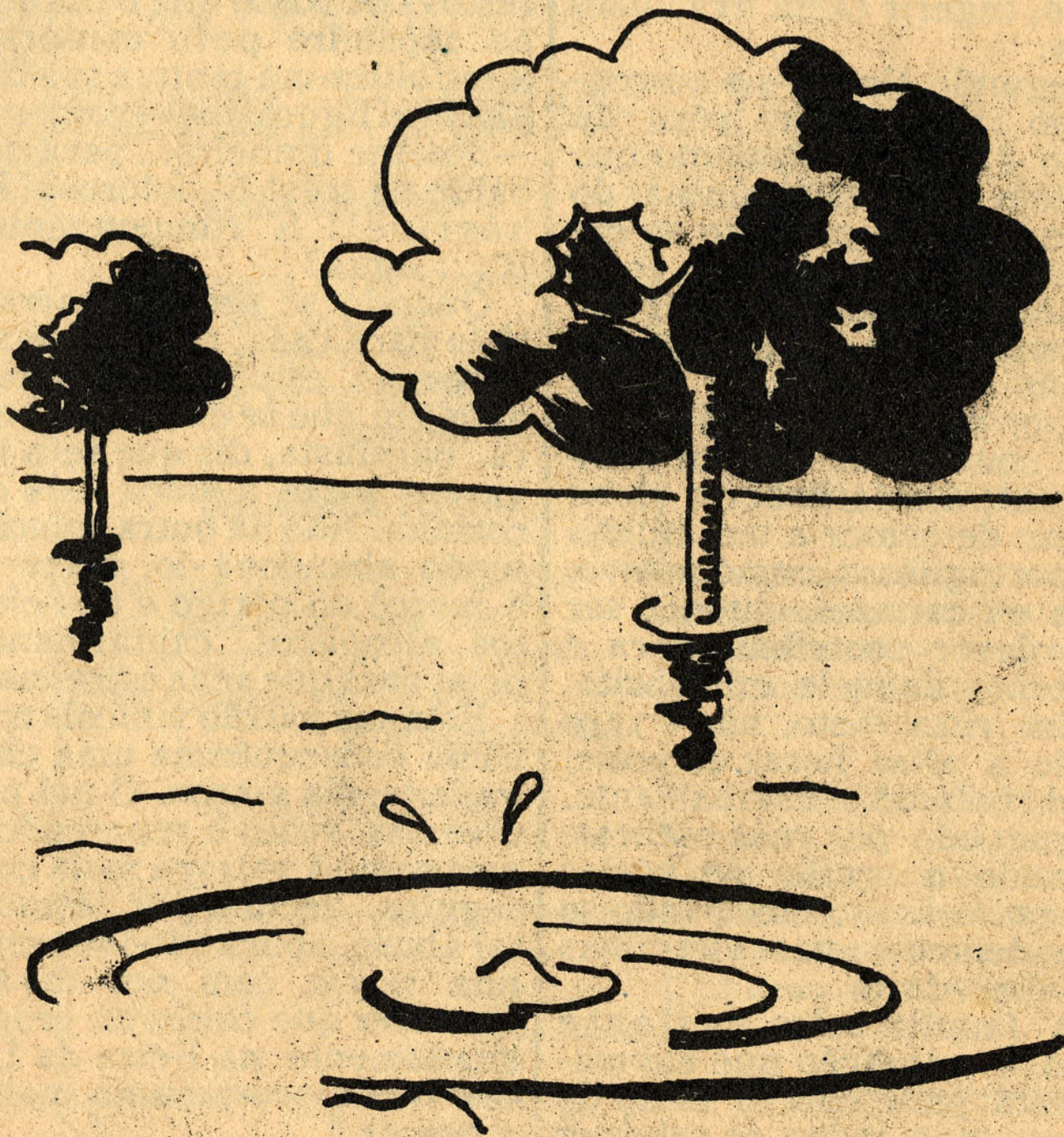
DOIDICES

- Não há nada como a influência dos raios solares.
- V. Ex.^a é raio?
- Não, eu sou cientista, simplesmente! Mas devo divulgar o que é bom!
- V. Ex.^a, então, divulga?!
- Sim, em parte!
- Em que parte é que V. Ex.^a divulga?
- O senhor interpreta mal!
- Perdão, o senhor é um cientista, como tal deve atentar a minha interpretação! Posso interpretar?
- Pode!
- E Moisés desceu e disse:
- ...Escusa de tentar que não lhe empreto dinheiro!

• DON TARA



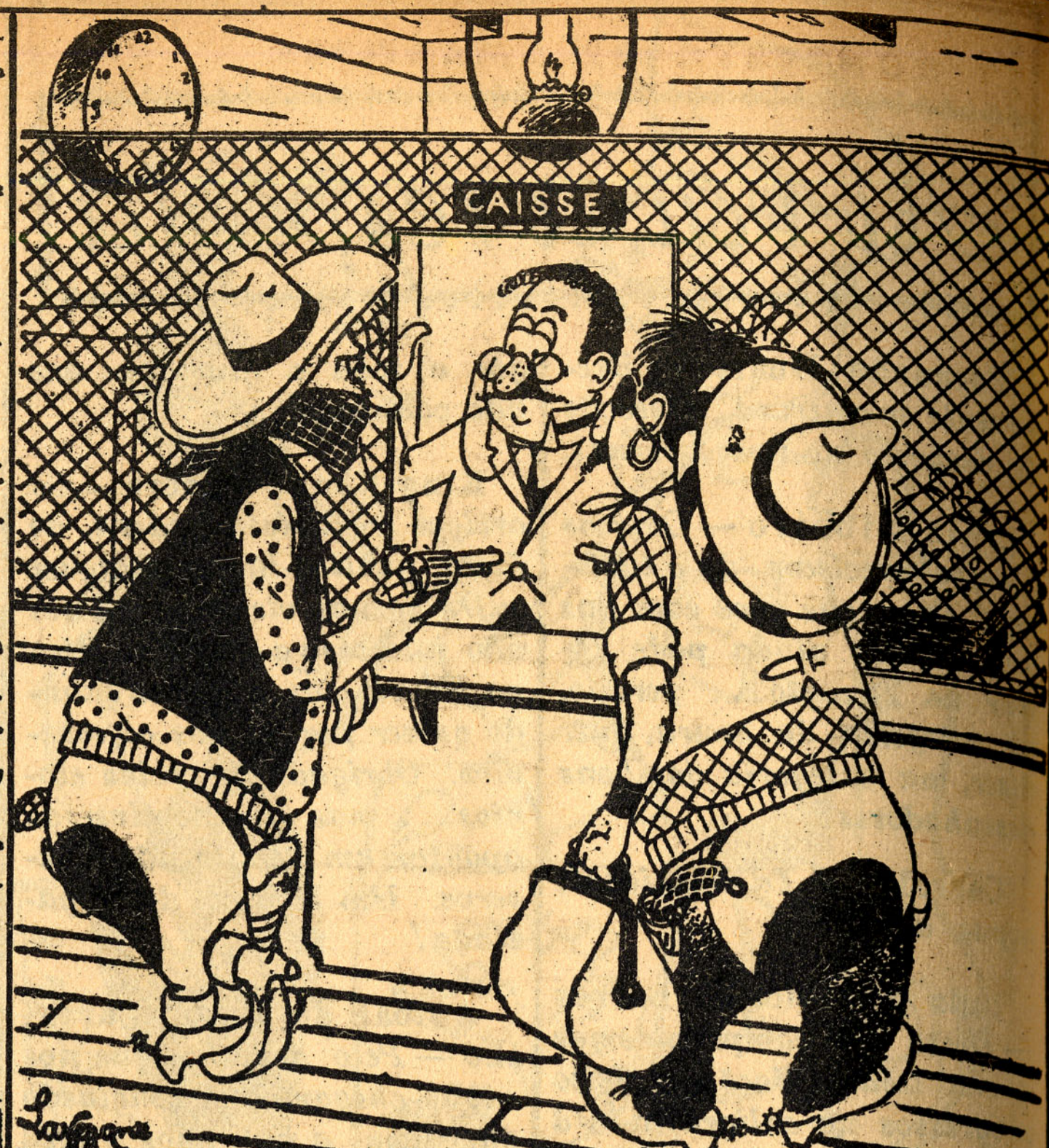
— Vinha consultá-lo, porque parece que tenho um olho desviado.



O MOTORISTA: — Não te parece que deitámos água demasiada no radiador?



— O sheriff, S. V. P.?
— Terceiro cadáver à direita!...



— Ena, vocês hoje vêm atrasados... E' hábito atacarem às 10 em ponto!

O ALCOOL, ESSE DESCONHECIDO!...

Por PINTO SOARES

O meu amigo Dezoito é um dos maiores apreciadores de «Penicilina Uvática» que tenho conhecido. Volta não volta apanha cada «piela» que até mete impressão às pedras duma calçada sem pedras. E' verdade! Não sei como é possível suportar tanto sumo parreiro, ingerir tanta uva liquefeita.

Segundo êle diz—e eu concordo...—o sumo rôxo do bago é o único alimento que contém tôdas as vitaminas do abecedário e por isso se encharca tão abundante e constantemente com o alfabeto. Por outro lado—afirma ainda—não bebe vinho por prazer ou por vício. Não senhor! Na sua conduta há um fim benéfico: Como beber o vinho é dar de comer a um milhão de portugueses, como asseveraram os cartazes, entende ser seu dever contribuir para o sustento daquele milhãozito.

Em vista disto, não é raro vê-lo a altas horas da noite, acabrunhado e cambaleante, vagueando por ruas escuras, pisando o soalho de várias «farmácias», ensopando-se grandemente nas vitaminas do abecedário...

A família sofre bastante com a adoração que ele manifesta para com o sumo de Baco, mas todos os esforços para o afastar daquele nectar têm sido baldados. E quanto mais baldados são os esforços, mais «baldes de três» o incorrigível emborça.

Chego a condoer-me dêle, dado o lastimável estado em

que por vezes o encontro: Nas mãos traz dez dedos: sobre o pescôco traz a cabeça (até parece incrível!); nos pés traz os sapatos... lilazes; nos sapatos traz as solas rôtas; e nas solas ainda se vislumbram restos dos 80\$00 que o pai deu ao sapateiro pelo consêrto. Sensibiliza-me tanto a sua deplorável figura que—confesso—dou-lhe dinheiro... para um balde de três! E' doloroso! E' horrível! E' pungente! E'... água!

Quando se pretende arrastá-lo para casa, atendendo ao excessivo estado de embriaguês em que se encontra, berra, barafusta, diz que se o levarem parte a louça toda da cozinha. Não há outra solução senão abandoná-lo, deixá-lo à mercê do perigo e dos efeitos alcoólicos, cantarolando pelas ruas que acha estreitas...

Esta sua paixão vinícola traz como consequência uma chegada tardia a casa. O pai por diversas vezes o repreendeu, mas como à palavra nada conseguira, decidiu pôr termo a tal abuso, aplicando-lhe tamanha tarefa com um cavalo marinho que comprou propositadamente na Feira da Ladra que o prostrou no soalho a gemer.

Durante uma temporada o nosso homem passou a recolher a casa por volta da meia-noite, com bastante sacrifício—acrescente-se. Parecia à primeira vista que o relapso se havia emendado, mas eis

que chega o S. Martinho—dia que nos anos anteriores comemorara com inolvidáveis «torcidas». E o certo é que para não fugir à regra, voltou a festejar o S. Martinho com invulgar fervor, dando nas guelas uma tão grande rega que transformou a barriga numa bem provida adega.

Como resultante dessa opulenta rega, eram 4 horas da madrugada quando entrou em casa, com patas de lâ (não confundir com pêsinhos de lâ, porque êle calça 43...) Dedo ante dedo, metatarso ante metatarso, tarso ante tarso, pé ante pé, meia esburacada

ante meia esburacada, sapato ante sapato, avançou pelo corredor até ao quarto, onde se infiltrou sorrateiramente. O que êle não sabia é que o pai estava a pau com o jôgo, no quarto contíguo, e topou na sua enorme cebôla a hora a que o tipo chegara. Entre parêntesis: O pai é de Olhão!...

No dia seguinte ou, melhor, no mesmo dia, ao almoço (Por acaso em casa do Dezoito ainda se almoça... Feliz família!), a mãe pergunta-lhe:

— A que horas chegaste ontem a casa, filho?

Resposta rápida do pai, antecipando-se:

— Ele ontem... veio hoje.

COM BARBAS

UMA DE «FADISTAS»

Dois tipos muito borrachos estavam discutindo num tascó, as suas valentias de outros tempos.

—Quando eu era mais novo, dava os «bons dias» lá no meu sítio... Imagine vocemecê, que com uma naifada só, cortava o pescoço rente a qualquer parceiro...

— Aldrabão! Isso não é possível! Só vendo!...

— Ah, não acreditas? Pois aqui onde me vês, velho como estou, ainda era capaz de te cortar a cabeça rente, só de uma vezada! Queres apostar?...

— Está feito! E são cem paus! Põe aqui a bagalhoça

nas mãos do proprietário...

O taberneiro aceitou os duzentos «barulhos» e enquanto o valentão tirava da algibeira uma navalha de ponta e mola de três estalos, o outro desabotoava o botão do colarinho e punha o pescoço a geito, recomendendo:

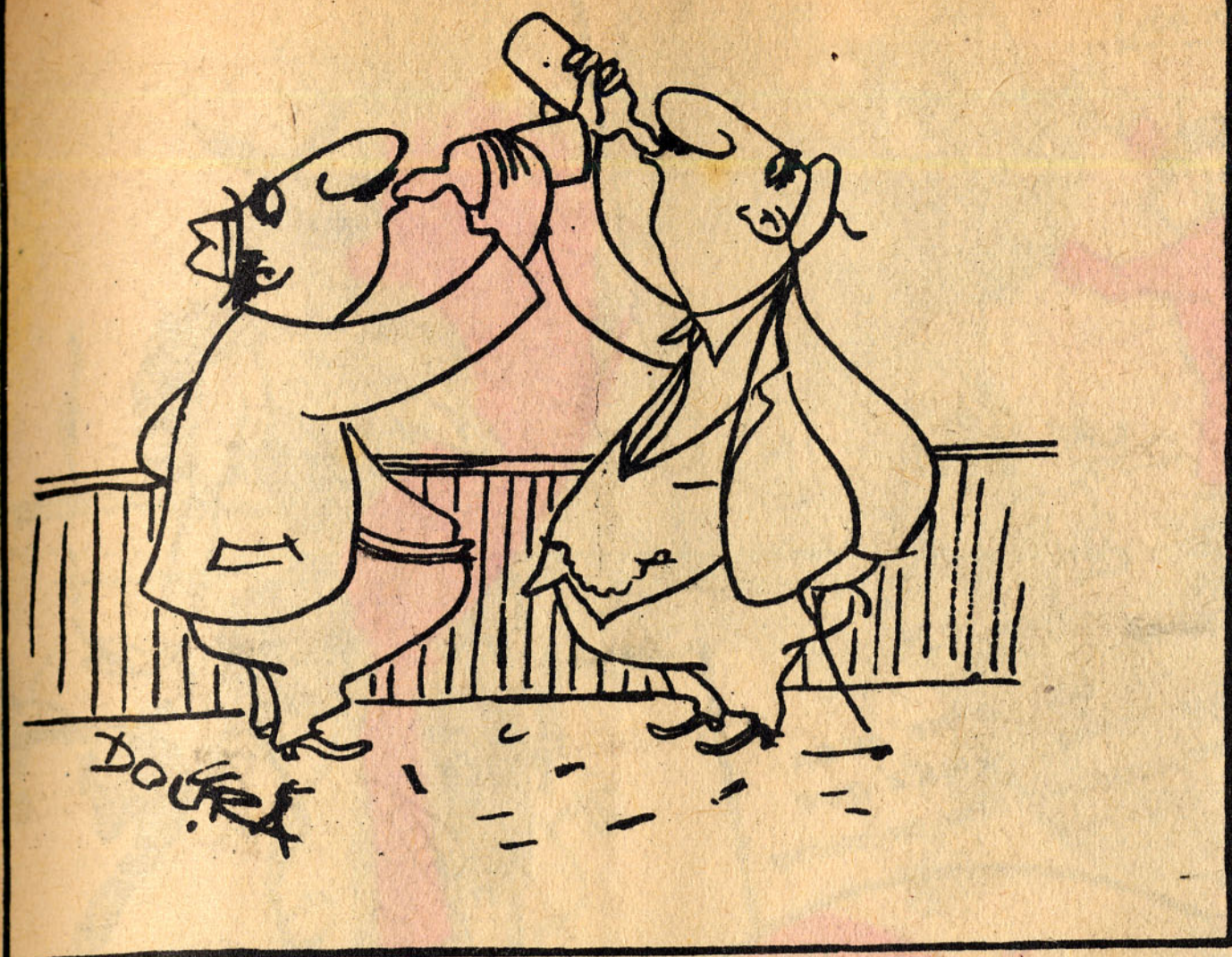
— Olha que é de uma vez só! Senão perdes a «massa»...

O da navalha toma balanço e.. zás!... affançou o golpe.

Realmente quasi separou a cabeça ao amigo, pois ficou apenas segura por uma pelezinha de um lado. E quando a cabeça ia a cair, ainda disse toda contente:

— Perdeste!!...

CONCERTO DE AMADORES



O Caso de A FLAUTA E O BURRO

(Continuação da pág. central)

— Trazia — disse o detective com rancor — um diálogo entre dois gogos... Leu-me metade... E... aí a tem... Não pude evitá-lo.

— E' natural — opinou Rodriguez sinceramente.

— Haverá mais espaço no armário?... Depois escaparemos... Tenho um carro...

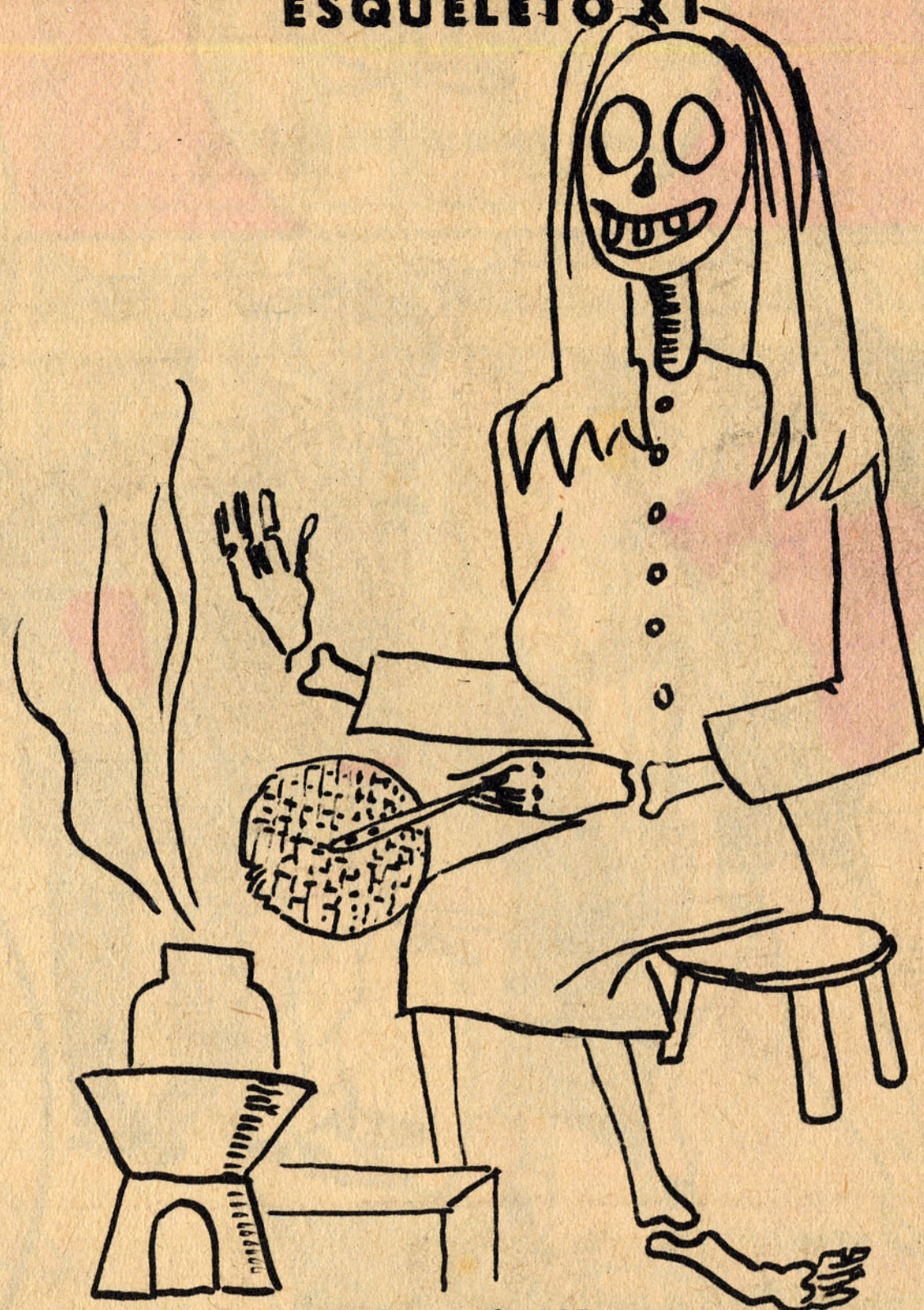
(Tradução e adaptação do «GUCU»)

ASSINE!!
DIVULQUE!!
O RISO

3 MESES 13\$

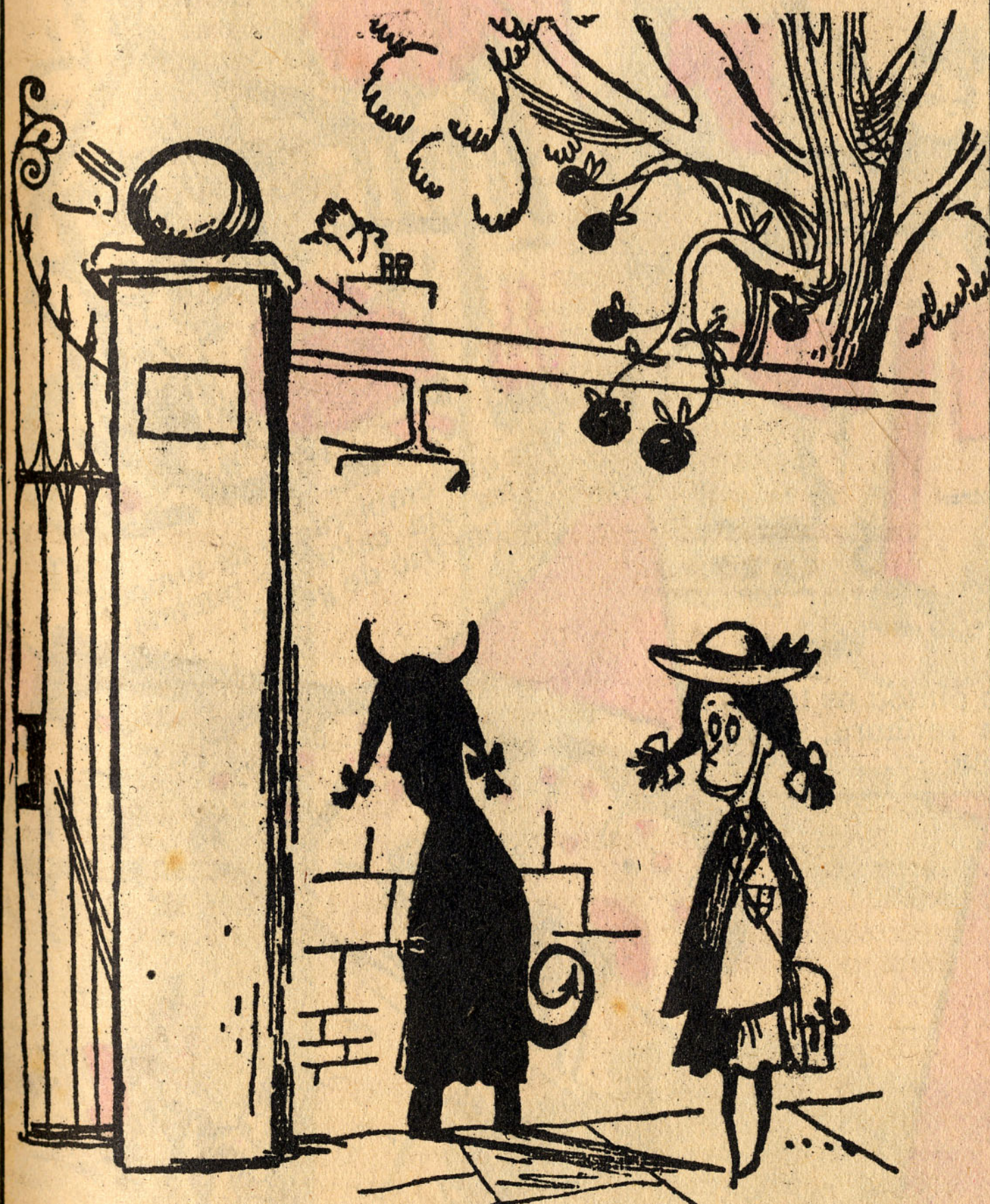
ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO XI



São quentinhas, òh freguês!!!
Quem é?

TENTAÇÃO



GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

Avisamos todos os leitores de que podem concorrer com o número de quadras que quiserem, desde que cada uma se faça acompanhar da respectiva senha.

OS PRÉMIOS SÃO:

PREMIOS: 1.º 500\$00 - 2.º 250\$00 - 3.º 150\$00

QUADRA N.º 9

Se na minha terra houvesse
Meias a dez tostões,
Não andavam tantas botas
Com falta de cordões.

António Carapau

QUADRA N.º 10

Mas que triste vida a minha
Tão raladinha p'las fezes.
Lá porque tenho dois calos
Não posso lavar os péses.

Por «Cantinflas»

QUADRA N.º 11

A mulher é joia rara.
Ha mulheres-homens modernas,
Não fazem a barba à cara
Mas fazem a barba às pernas.

Cabeludo

QUADRA N.º 12

Dissoste a alguém que me amavas,
Mas eu nisso não acredito,
Porque se tu deveras me amasses,
A mim mo devias ter dito

Juliró

QUADRA N.º 13

Compreei o «Riso» amigo
Inspirado numa deusa
Mas não sei se por castigo
O deixei em cima da «meusa»?

Renhanhas

QUADRA N.º 17

P'ra uns ha rimas aos centos
P'ro outros nem uma ha
O qu'eu quero são os quinhentos!
Tá bem, ou não tá?!...

Fadábé

SENHA Quadra N.º

VOTO NA QUADRA N.º

NOME

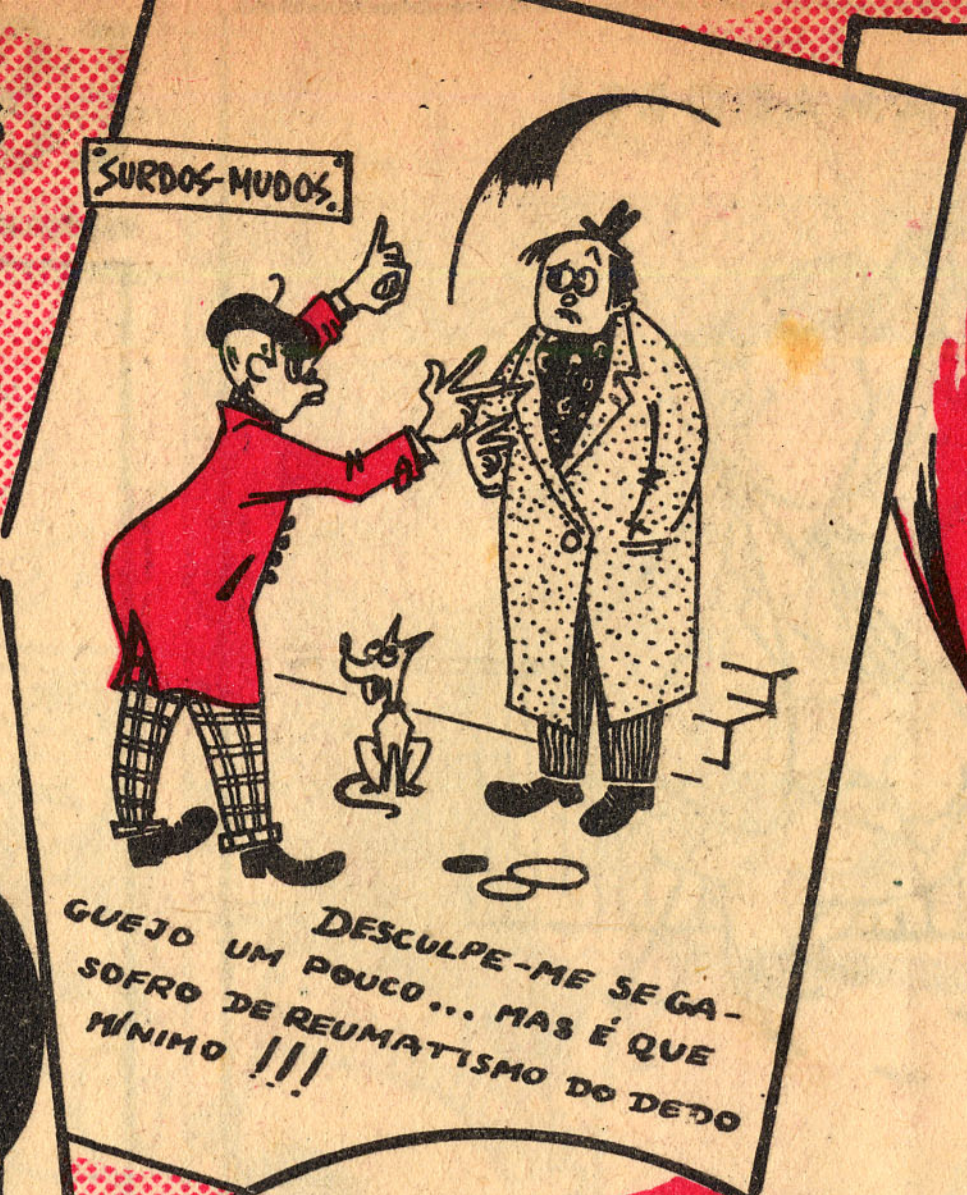
LOCALIDADE

Cuadros

Exclusivo rigoroso de «RISO MUNDIAL»



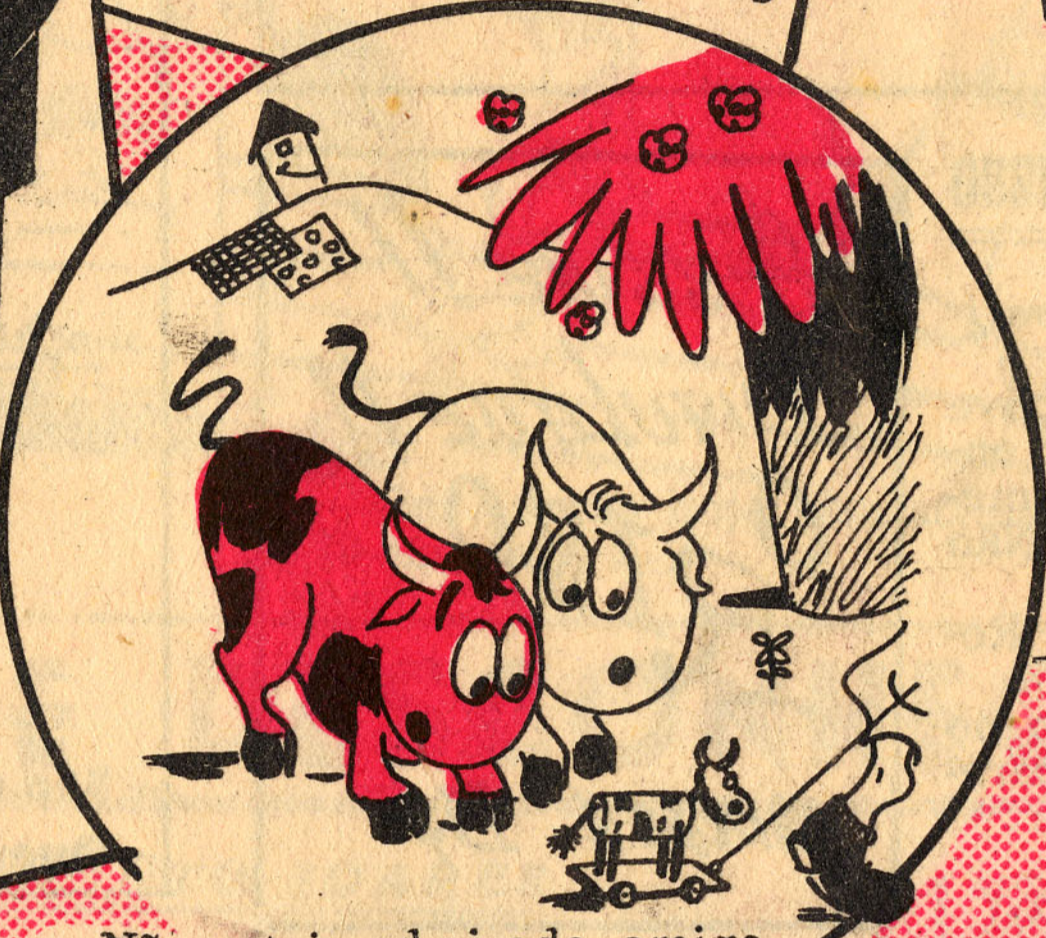
— Já viste como o velhote é atiradiço?
— Como é curto de vista, está convencido de que tu és uma dama antiga.



DESCULPE-ME SE GUEJO UM POUCO... MAS É QUE SOFRO DE REUMATISMO DO DEDO MÍNIMO !!!



— Está?... Está lá?... Apre, se não está, diga!!!



— Não esteja admirado, amigo malhado, é apenas um pigmeu.



— Ora esta! Quem teria virado o espelho de pernas para o ar?...



— Porque não pintou os lábios?
— Isso fará a senhora, que os pintará melhor que eu.



— Mas que embirração de tempo; de noite fez um calor de queimar, agora está um frio de gelar!



— Camarada, precisa alguma ajuda?



— Oh, homem, saia daí já! Depressa!!!
— Não posso... perdi os calções.